

EDUCOMUNICAÇÃO: um registro de pesquisa

Adilson Citelli*

Resumo

Neste artigo são apresentadas algumas reflexões referentes a procedimentos adotados em pesquisa que estamos realizando com jovens docentes do ensino básico de cidades do Estado de São Paulo, cujo objetivo central é o de saber como os meios de comunicação e suas linguagens são incorporados, seja às dinâmicas das aulas seja ao próprio cotidiano dos professores.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Pesquisa. Professor.

“Ah, Mallarmé/a carne é triste/e ninguém te lê//tudo existe/pra acabar em tv”
tvgrama 1. Augusto de Campos

“Ah, Mallarmé/a poesia resiste/se a tv não te vê/o cibercéu te assiste/em
quick time e flv/já pairas sobre os sub/tudo existe/para acabar em youtube”.
tvgrama 3 – erratum. Augusto de Campos

“Vivíamos no campo, fomos viver nas cidades e agora vamos viver na
internet”. Afirmativa de Sean Parker, personagem do filme *A rede social*,
dirigido por Aaron Sorkin e David Fincher.

Introdução

Entre o final de 2009 e início de 2010 realizamos pesquisa compreendendo entrevistas, questionários e grupos de discussão, junto a noventa e dois docentes na faixa etária até trinta anos, com atuação no ensino fundamental e médio da rede estadual paulista, buscando verificar como se relacionam com os meios de comunicação e as novas tecnologias. Entendam-se, aqui, duas dimensões do problema. De um lado, os professores e seus cotidianos atravessados por dispositivos como a televisão, o rádio a internet, e, de outro, a possível tradução didático-pedagógica destas vivências nas salas de aula.

* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Professor Titular da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: citelli@uol.com.br.

A preocupação que nos ocupa, aqui, é menos a de apresentar dados, tabelas e comentários envolvidos na investigação, e mais a de indicar alguns procedimentos que a tornaram possível. Com isto, intenta-se ao mesmo tempo apontar caminhos e possibilidades de constituir programas de pesquisa em educomunicação e situar, discutir e ampliar referências metodológicas e analíticas que promovam sustentação acadêmica para os estudos na área.

Direções da pesquisa

A pesquisa em tela ensejou duas dimensões: de um lado descortina algumas tomadas de posições e ancoragens teóricas frente aos problemas atinentes à interface comunicação-educação e, de outro, expressa conceitos e ideias amadurecidas em decorrência das respostas aos questionários e aos diálogos procedidos junto ao nosso *corpus*: os jovens professores que militam no ensino básico. Ou seja, existe um movimento entre elementos da tradição que marcaram a presença dos meios de comunicação no âmbito educativo e as respostas ou eventuais proposições formuladas pelos docentes frente às questões suscitadas pela comunicação, no que se incluem os mediadores técnicos e tecnológicos.

As reflexões permitidas pela pesquisa levaram a que se verificassem as expectativas, interesses, propósitos, solicitações, realizações, que circundam as atividades dos docentes no espaço formal escolar. Daí a identificação dos hábitos midiáticos, ou comunicacionais em sentido mais largo, presentes no dia a dia dos entrevistados. Tornou-se pertinente, portanto, atentar para as formas como um grupo etário de profissionais educadores processava a circulação discursiva disponibilizada pelos meios de comunicação. E, do mesmo modo, indagar acerca do tipo de relação estabelecida entre os docentes e os suportes comunicativos com os quais se relacionavam nos diferentes espaços e situações sociais.

Pretendeu-se evidenciar a extensão e as maneiras segundo as quais os meios de comunicação agregaram-se à experiência vivencial dos docentes. Neste caso, estacaram-se duas grandes ordens de questões. De um lado, o pleno andamento de um processo social e econômico que promove aceleração do acesso aos equipamentos técnicos e disseminação de uso. Ou seja, os dados coletados pela pesquisa autorizam a dizer que os professores não apenas aportam rapidamente ao universo telemático, digital – o grupo investigado, em proporção ao que se apresentava em enquetes por nós realizadas em anos anteriores, manifesta clara celeridade na aquisição, por exemplo, de computador e internet –, como tal

acesso ganhou forte capilaridade – mais de 95% possuem tais equipamentos. De outro lado, as escolas montaram salas de informática, passaram a dispor de computadores, filmadoras, máquinas fotográficas, permitindo aos docentes utilizar tais recursos com a finalidade de promover eventuais melhorias nas dinâmicas didáticas e pedagógicas. Isto é, a rede educativa formal do Estado de São Paulo, promoveu a implantação de equipamentos em uma parte significativa das suas mais de cinco mil escolas de ensino fundamental e médio. Em plano reduzido, tal realidade foi captada, metonimicamente, por meio de amostra, pois todas as unidades escolares às quais pertencia a nosso *corpus* estavam dotadas de dispositivos tecnológicos como os computadores e a internet. Conquanto, o problema envolvendo a presença das tecnologias nas salas de aula tenha uma série de implicações, escondendo facetas que a presente generalização não alcança, é necessário promover o registro da sua capilaridade.

Consigne-se, neste passo, que as relações da comunicação com a educação apontam algumas variáveis abrigadas sob as referidas categorias de aceleração e disseminação. Uma retomada histórica mostra que ao menos desde os anos 1930, o tema envolvendo a interface comunicação/educação conhece cruzamentos regidos por referenciais oscilantes entre preocupações moralistas, promoção da cidadania, projetos político-ideológicos, propostas de aproximar os recursos técnicos e tecnológicos dos programas didático-pedagógicos, segundo um roteiro de múltiplas visões e concepções em torno dos projetos para o país.

A partir dos meados do século XX desenha-se, para as relações educomunicativas, um novo quadro histórico cujo momento mais forte pode ser substanciado em torno do que ganhou o epíteto de revolução digital. No interior deste processo, as dinâmicas de aceleração e disseminação ampliaram e aprofundaram a sua abrangência¹.

Sob diferentes ângulos é compreensível a atenção que os docentes passam a dispensar à interface comunicação e educação, até porque já não falamos mais de significados ou impactos desta ou daquela tecnologia, senão de um novo constituinte social que tem na midiaticização envolvimento e implicações culturais generalizadas. Basta-nos considerar o fato de as linguagens e os processos comunicacionais jogarem papel de extrema relevância na mundividência, nos planos simbólicos, nas representações, nas sociabilidades, nos mecanismos de acesso à informação etc., que matizam os variados constituintes sociais e, conforme o nosso caso particular, o cotidiano dos professores.

¹. Para uma retomada deste histórico, ver: Citelli, Adilson. “Comunicação e educação: convergências educomunicativas. *Revista Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo, ESPM, 2010.

Este quadro traz consigo uma série de novidades que requisitam procedimentos de pesquisa capazes de responder às perguntas acerca dos níveis e tipos de diálogos – caso existam – que ocorrem entre a comunicação e a educação: tensivos, opositivos, completivos etc. Necessitamos entender melhor o universo de valores, os interesses, os domínios técnicos, as expectativas, as compreensões dos processos educacionais, enfim, as visões de mundo que orientam a inserção dos jovens docentes no sistema escolar. Tratamos de alguém cuja formação inicial está ocorrendo no interior das mudanças provocadas pelas inovações digitais e pela expansão das mídias – no que, aliás, docentes e discentes estão, como em nenhum outro momento histórico, em situação de máxima proximidade. O problema que requisitará maior atenção, sob o ponto de vista dos programas de pesquisa, é saber até onde tais alterações nos lineamentos técnicos, tecnológicos e culturais se (re) traduzem em ações mais consentâneas com projetos educativos afinados às solicitações do nosso tempo. É isto o que explica, em boa parte, o sentido da investigação que realizamos e sobre a qual nos voltaremos na sequência.

Articulações da pesquisa

A pesquisa sobre a qual estamos indicando alguns procedimentos está no interior de um projeto maior que realizamos desde os anos 1990, envolvendo as relações da comunicação com a educação e cujos resultados vêm sendo divulgados em várias publicações, conforme se pode verificar na bibliografia final deste artigo. Entre o final de 2009 e início de 2010, promovemos uma nova rodada de visitas às escolas do ensino básico da cidade de São Paulo e municípios próximos, caso de Barueri, ou localizados no vale do Paraíba: Taubaté, Lorena, Caçapava, Campos de Jordão e Tremembé.

O ensino básico – conforme capitula a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) – abrange três níveis: educação infantil, ensino fundamental e médio. Educação infantil: creches (crianças até três anos); pré-escolas (quatro e cinco anos). Ensino fundamental: duração de nove anos, sendo que a partir da lei 11.274, de 2006, este ciclo tem início com crianças de seis anos. Ensino médio: duração de três anos. Do ensino básico fazem parte, também, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Educação Profissional e a Educação Especial.

No Estado de São Paulo, segundo o censo escolar de 2006, existem nove milhões de alunos no ensino básico, espalhados por seiscentos e quarenta e cinco municípios e,

aproximadamente, cinco mil e quinhentas escolas. Dos discentes, 85% estudam em instituições públicas e 15% em privadas, porcentagem quase diametralmente oposta à registrada no ensino superior. Deste contingente, seis milhões estão no nível fundamental (48.9% são escolas estaduais; 37.4% municipais e 13.6% privadas). No ciclo médio encontram-se um milhão e oitocentos mil alunos (85.2% são escolas estaduais, 13.8% privadas e 0.9% municipais). Na cidade de São Paulo, o ensino básico reúne dois milhões e meio de alunos, sendo um milhão e seiscentos mil no fundamental; quatrocentos e oitenta e cinco mil no médio e quatrocentos e vinte e seis mil na pré-escola.

Em números aproximados, a rede pública paulista de ensino básico perfaz um conjunto de duzentos e quarenta mil professores e algo em torno de trezentas mil funções docentes (o conceito de função diz respeito ao fato de um mesmo profissional trabalhar em mais de uma escola). Considerados os postos de trabalho que incluem a rede privada, sempre admitindo a categoria de funções docentes, o número atinge quase quinhentos mil, assim distribuídos: trezentos mil no fundamental, cento e vinte e cinco mil no médio e setenta mil na pré-escola².

Por certo, não reside em nosso escopo apreender a complexidade e o gigantismo deste sistema, mas indicar, segundo alguns objetivos, a necessidade de proceder ao trabalho de pesquisa segundo determinados contextos e, a partir dos quais, os dados, depoimentos, entrevistas, acompanhamento de grupos de discussão, conheçam análises e resultem na construção de categorias aptas a sistematizar e desdobrar novas faces da premente reflexão acerca das interfaces comunicação/educação.

Em nosso caso, dois foram os propósitos centrais que, integrados, nortearam o trabalho: 1) identificar alguns hábitos dos docentes no afeito aos usos, convivência, operações etc., dos dispositivos comunicacionais; 2) reconhecer como ocorria a incorporação de tais dispositivos e suas linguagens nas salas de aulas.

Fixamo-nos, como acontecera em investigação realizada em 2007, em determinado segmento etário, que chamamos de jovens docentes, grupo com idade máxima de até trinta anos quando da recolha dos dados, à altura de março de 2010. Reiteramos as razões desta escolha pelo fato de pretendermos acompanhar de maneira mais detida, em dimensão, digamos, sincrônica, como alguns marcos comunicacionais permitidos pelos aportes tecnológicos, pelas novidades da digitalização, (re) funcionalizam o trabalho docente.

Frente a isto coube a indagação: será que jovens professores estariam mudando as suas

² . Os indicadores foram retirados de www.ibge.gov.br/cidadest e www.inep.gov.br.

práticas didáticas e pedagógicas pelo fato de haverem se formado sob a égide dos computadores, da internet, dos celulares? Eles possuem relação mais fluente e flexível com os discentes, visto existir maior recorrência no campo de suas mútuas experiências comunicacionais? Neste contexto, estaria superada a conhecida afirmativa feita pelos professores com idade mais avançada de que não se atreviam a fazer uso do computador em sala de aula – equipamento a ser tomado como expressão metonímica de uma determinada realidade tecnológica – porque os seus alunos apresentavam, neste quesito, maior competência, facilidade, agilidade?

Enfim, estas foram algumas das perguntas por nós colocadas, mas que, promovidos os ajustes evidentes a cada programa de pesquisa, podem ser (re) formuladas por aqueles dedicados a trabalhar com educomunicação. Em nosso caso, tais indagações estavam voltadas ao objetivo maior de se reconhecer as possíveis mudanças no perfil dos professores do ensino básico quanto aos problemas envolvendo a comunicação e seus aportes tecnológicos. Compreender melhor como este professor chega à escola onde ministrará as suas aulas é uma maneira de identificar competências, limites de ação, interesses etc., promovendo, a partir daí, estratégias e propostas que possam retornar e ser trabalhadas nos cursos de graduação e licenciatura.

Procedimentos da pesquisa

Elaboraram-se duas condutas visando a recolher, organizar, tabular e comentar os dados que resultaram das enquetes e encontros com os noventa e dois professores participantes da amostra. Inicialmente, se aplicou um questionário com cinquenta e quatro perguntas abertas e fechadas, afora o cotejamento de informações gerais que serviram como substrato para a maior compreensão do *corpus*. Com isto, tivemos acesso a informações e manifestações livres afeitas a variáveis profissionais, interesses culturais, vínculos com as linguagens midiáticas, expectativas com relação ao trabalho nas salas de aula etc.

Os questionários foram aplicados junto a professores do ciclo básico, sem que existisse preocupação em segmentar as diversas áreas de conhecimento, as disciplinas, ou mesmo níveis de ensino com os quais os depoentes estavam vinculados.

Os docentes pertencem, basicamente, a escolas públicas estaduais ou municipais e, em número menor, às privadas. A enquete se desenvolveu ou nas próprias escolas ou em encontros, cursos, atividades promovidas pelas Secretarias de Educação e acompanhadas por

orientandos deste pesquisador³.

O recorte etário

Conforme adiantamos, existem objetivos e justificativas acoplados à realização da pesquisa e que levaram à segmentação de um determinado grupo etário de professores, cujo percurso escolar ocorreu, praticamente, em consonância com a expansão das novas tecnologias da informação e da comunicação. Aprofundemos alguns dos motivos que promoveram tal opção investigativa.

- 1) Formula-se a hipótese de que tendo os jovens docentes percorrido formação pessoal e escolar sob um contexto técnico e tecnológico definido em torno da midiatização e digitalização dos sistemas e processos comunicacionais estão em situação próxima à dos seus alunos, e também vivendo sob os influxos de tais contextos. Isto abre a possibilidade de os diálogos entre docentes e discentes ganharem fluidez e agilidade;
- 2) Estamos, portanto, diante de um quadro novo, com sociabilidades que se forjam, também, pela convivência com determinadas linguagens e dispositivos de comunicação, cujas possibilidades de domínio ou, no mínimo, de operacionalização, abandonam as cores dramáticas que possuíam há alguns anos e que se materializavam em gerações de professores mais afinados com as lógicas da sociedade industrial. Daí reclamarem estar em posição desfavorável quando comparada à dos seus alunos – prontos para usar computador, jogar videogames, programar a gravação em videocassete, para ficarmos com alguns equipamentos que faziam sucesso ao tempo de nossas primeiras pesquisas na área;
- 3) Os dados referentes à idade dos noventa e dois professores pesquisados mostram que os mais velhos nasceram em 1979 e os mais novos em 1989, sendo que a maior concentração encontra-se entre 24 e 29 anos. Apenas para se ter um dado aproximado, os professores mais velhos deste grupo terminaram a Faculdade em 2001 e os mais novos em 2010. Vale dizer, se trata de amostra cuja formação escolar aconteceu sob a consolidação da informática, da internet, da digitalização;
- 4) Admite-se que convivendo em cenários tecnológicos de maior proximidade – elemento teoricamente facilitador da aproximação entre docentes e discentes –, as propostas de

³. Doutorandas: Eliana Nagamini e Maria do Carmo Souza de Almeida. Mestranda: Elizângela Rodrigues da Costa

ensino possam ganhar maior fluidez, com possíveis resultados positivos para os programas de ensino básico;

- 5) Do ponto de vista do andamento da pesquisa quisemos comparar dados extraídos de enquetes anteriores, com o fito de verificar a existência de convergências e ou divergências no que tange ao comportamento dos professores frente aos meios de comunicação. Neste passo, trabalhamos com informações, algumas com mais de uma década, e que não estavam, necessariamente, dirigidas a um perfil etário específico.

O vetor comunicacional

Ainda segundo procedimento que vimos adotando em nossas pesquisas frente aos jovens professores, juntamente com a questão etária, buscamos examinar como se desenvolvem em determinado segmento de professores alguns hábitos de frequência aos meios de comunicação. Este é o motivo pelo qual várias das perguntas foram dirigidas às maneiras como os docentes se posicionam diante dos dispositivos comunicacionais. Verificou-se que a formação inicial dos professores ocorreu no interior de um processo social em que a comunicação ganhou capilaridade, enquanto fenômeno ampliado pelos suportes técnicos.

A formação, em seu sentido amplo, ocorreu no interior de um cenário no qual a dimensão escolar é cruzada de modo vigoroso com o ecossistema comunicativo. Equivale dizer, entre as duas instâncias acontecem passagens de valores, conceitos, apelos estéticos, inflexões ideológicas. O futuro licenciado transita por uma situação particular que, de certo modo, passa a diferenciá-lo dos professores com a carreira em estágio mais avançado. Aqui, não se deve identificar qualquer juízo de valor opondo docentes de gerações diferentes, imputando a uns ou a outros maior ou menor qualificação e competência didático-pedagógica. Certamente não se trata disto. Destaca-se, tão somente, o fato de estarmos frente a um grupo etário de professores composto, segundo designação de Mark Prensky, por nativos digitais⁴, portanto, em tese, capazes de superar um problema que acompanhou os docentes mais velhos, uma espécie de tecnofobia ou mesmo um olhar enviesado para os temas da comunicação. Daí termos formulado na pesquisa uma série de perguntas voltadas a indagar sobre leitura de livros e jornais, acesso a fontes digitais de informação, hábitos com relação às mídias etc. A

⁴. *Don't bother my mon. I am learning*. St. Paul, Paragon Housse, 2006.

isto chamamos de vetor comunicacional da pesquisa.

Ao juntarmos recorte etário e vetor comunicacional retomamos o problema que continua alimentando as nossas pesquisas: o fato de existirem novas sociabilidades, vínculos “naturalizados” entre o sujeito e os diferentes suportes técnicos teria alcançado a formação profissional do futuro docente, ele próprio formador de tantos outros jovens, ainda mais afeitos ao circuito da comunicação social ampliada? Na eventualidade de haverem recebido formação adequada para trabalhar neste novo circuito social estariam os jovens docentes (re) traduzindo em sala de aula os fluxos e processos formulados pelas culturas midiáticas, segundo uma perspectiva educacional e pedagogicamente equacionada aos ditames da escola, dos propósitos que devem reger a construção de uma cidadania transformadora, crítica e competente para enfrentar os desafios que estão à espera dos jovens discentes?

Síntese

Considerado o conjunto do material recolhido pela pesquisa, sobretudo as entrevistas, a tabulação dos dados, os encontros com os grupos de discussão, foi possível sistematizar uma série de tópicos – que estão, ainda, em fase de análise – e dos quais destacamos alguns com o intuito de pontuá-los para este artigo.

1. Os jovens docentes vinculam-se de modo decisivo aos meios de comunicação e às novas tecnologias, tendo posse de computadores e acesso à internet;
2. Eles apresentam perfil aderente às propostas voltadas à aproximação do sistema escolar com as linguagens e dispositivos da comunicação;
3. Isto não significa que os professores promovam práticas didático-pedagógicas diferentes daquelas tradicionalmente em vigência nas salas de aula;
4. Tal fato decorre, segundo os depoentes tanto de uma estrutura escolar pouco flexível e mesmo, em alguns casos, precária, como de insegurança para trabalhar em sala de aula com as possibilidades permitidas pelas comunicações e suas tecnologias. Isto revela que os programas de formação inicial dos professores continuam um pouco distante das solicitações quer dos jovens docentes quer dos imperativos sociais do nosso tempo.

Conclusão

O trabalho envolvendo este novo campo a que chamamos de educomunicação solicita,

ainda, uma série de ações acadêmicas, definições teóricas, precisão metalinguística, malgrado tenha alcançado práticas que indicam estarmos diante de uma área em pleno desenvolvimento. De certo modo, as ações educacionais já se encontram na sociedade, por meio das escolas, organizações não governamentais, políticas públicas etc. Neste artigo formulou-se, de um modo apenas indicativo, a ideia segundo a qual é necessário um aprofundamento de procedimentos metodológicos de pesquisa capazes de promover maior sustentação teórica desta interface comunicação-educação. A nossa escolha por um tema vinculado à formação dos jovens professores para trabalhar nas circunstâncias de um mundo em transformação e fortemente marcado pelas tecnologias da informação e da comunicação, pretende representar, em última instância, também uma contribuição com vistas ao amadurecimento de estratégias de pesquisa direcionadas aos estudos da educação.

EDUCOMMUNICATION: research records

Abstract

This article presents considerations about procedures used in the research we are carrying out with young teachers from the primary schools in the State of São Paulo. Our main goal is to find out which means of communication and types of language can be incorporated to lesson dynamics or to the daily experience of the teachers.

Keywords: Communication. Education. Research. Teacher.

Referências

BUCKINGHAM, David. 2003.

CITELLI, Adilson e COSTA, Cristina (Org.) **Educomunicação**. São Paulo, Paulinas, 2011.

CITELLI, Adilson. “Comunicação e educação: convergências educacionais. **Revista Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, ESPM, 2010.

_____. **Comunicação e educação**. A linguagem em movimento. 3ed. São Paulo, Senac, 2004.

PRENSKY, Marc. *Don't bother my mon. I'm learning*. St. Paul, Paragon House, 2006.

Revista **Comunicação & Educação**. São Paulo, Paulinas/ECA/USP. Vários números.

Recebido em: setembro de 2011

Aprovado em: outubro de 2011